A EXTINÇÃO DAS ABELHAS

NATALIA BORGES POLESSO

A extinção das abelhas

Companhia Das Letras

Copyright © 2021 by Natalia Borges Polesso em acordo com MTS Agência de Autores

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Mateus Valadares

Foto de capa
Sem título, de Vânia Mignone, 2015, técnica mista sobre papel, 51,5 x 52,5 x 4 cm. Cortesia de Casa Triângulo. Reprodução de Edouard Fraipont.

Preparação
Ciça Caropreso

Revisão
Marise Leal
Renata Lopes Del Nero

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Polesso, Natalia Borges
A extinção das abelhas / Natalia Borges Polesso. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2021.

ISBN 978-65-5921-064-0

1. Ficção brasileira I. Título.

21-59626 CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Graziele Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

[2021]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras

A EXTINÇÃO DAS ABELHAS

PRIMEIRA PARTE

Na oração, que desaterra a terra
Quer Deus que a quem está o cuidado, dado
Pregue que a vida é emprestado, estado
Mistérios mil que desenterra, enterra

Pessoas

As pessoas vão embora, e isso é uma realidade. Sua mãe vai embora, seu pai vai embora, sua namorada chata vai embora, sua melhor amiga-irmã vai embora, as pessoas que cuidaram de você desde pequena e que você reluta em chamar de família de um jeito ou de outro vão embora, seus vizinhos vão embora.

Você vai embora. Tudo some. Ora dessas morre.

Você sai da vida das pessoas. Desaparece. Não sabe de nada e, quando as vê completamente diferentes do que eram, você acha estranhíssimo. Mas a estranha é você. Também. As pessoas partem para outros lugares. As pessoas escolhem outros caminhos. Ou caminhos por onde você nunca imaginou passar.

Você esbarra em gente perdida. Você está perdida. Você quer ir até o fim, mas não faz nem ideia de como é ter que inventar e forjar uma voz cada vez que abre a boca. Você acha que isso é um direito garantido. Você já tinha pensado a respeito, mas só agora compreendeu alguma coisa. Todo mundo sonha. Todo mundo imagina algum futuro. É mais comum do que imaginar algum passado, reinventar as perdas, reinventar a terra, o limo

das coisas, o mofo, a erosão da matéria, da memória. Você é todo mundo, ainda que tenham te dito que não. E você não é todo mundo. Eu sou qualquer coisa e, se posso sentir algo neste momento, sinto que estou sozinha. Às vezes queria ser

Bicho

Foi muito difícil enterrar Paranoia. Dezesseis anos, e eu tive que fazer tudo sozinha. Como sempre. Achei estranho que ela não tivesse aparecido correndo e balançando o rabo branco pra comer a comida, mas não me preocupei muito. Gato tem dessas. Deixei tudo lá e fui pra cama. Acordei e vi o leite e a ração intocados. Botei a ração de volta no saco e sacudi bastante, pra fazer barulho. Nada. Achei que ela pudesse estar presa dentro de algum armário. É claro que as catástrofes passavam lateralmente pelos meus olhos. Como sempre. Mas tentei me apegar ao pensamento de que gatos são assim, têm essa mania de entrar em armários, gavetas, caixas, cabines, e às vezes acabam presos lá dentro. Meu coração deu uma falhada daquelas. Como sempre. Acendi um cigarro pra abafar também essa catástrofe.

Não precisei andar muito. Paranoia estava debaixo de sua cobertinha no sofá. Olhos semiabertos. Imóvel. O cigarro caiu da minha boca. Tentei agarrá-lo, mas a boca era de choro. Eu sonho com incêndios, com fogo e destruição. Acordo e não lembro se sonhei ou se aquilo é o passado. Talvez seja um futuro. Eu

não sei. Quando eu era pequena, a casa aqui da frente queimou. Ficaram gritando que tinha gente dentro, mas nem tinha. A família toda achou que o avô bêbado estivesse dormindo, mas naquela hora ele descia o morro de quatro e olhava pra bola de fogo no fim da rua. Pensou que fosse o fim do mundo. Mas isso não o impediu de continuar bebendo.

Sei lá por quantos dias eu chorei. Não lembro. Lembro que enterrei o bichinho nos fundos de casa. Fiquei deitada na terra um tempão. Na mesma terra que enterrei Paranoia. Na mesma terra. Eu até quis fazer uma oração, mas tava cansada demais. Uma semana depois eu continuava vendo Paranoia passar atrás de um móvel, subir na cama, beber água da pia. Podia até ouvir o bicho arranhando o sofá à noite, rasgando meus lençóis. Não era o bicho, era a imagem do bicho, um borrão, acho. Tipo o que o cigarro fez no chão, o que o fogo fez na casa, uma mancha na paisagem. Uma sensação. Uma falta bem ali. Talvez o desejo de não estar tão desamparada agora,

Mãe,

Eu lembrei daquele dia na represa, sabe? Aquele dia em que fomos eu, tu, o pai, a Eugênia, a Denise. Todo mundo dentro da Kombi, com boia, toalha, guarda-sol, lanche. Tem uma foto. Não sei onde tá. O pai queimou todas as tuas fotos… bem, as nossas fotos. Essa aí a Aline me deu antes de ir embora. Mas eu perdi, acho. Talvez de propósito.

A Aline nem existia. A Aline é a irmã mais nova que eu sempre quis. Alguém com quem me importo, minha família. A filha da Denise e da Eugênia, mas ela foi embora. Pra onde ela foi? Londres. Por quê? Te conto em outra ocasião, não é um assunto nada agradável. Mas, enfim, naquele dia a gente se divertiu muito. Na foto tá todo mundo sorrindo. Eu apareço de lado, com os braços estendidos, esperando alguma coisa, estática. Todo mundo aparece desfocado atrás, menos tu, que tava tirando a foto.

Tu lembra que naquele dia a gente teve que ir embora correndo por causa de um enxame de abelhas? Deixamos meu chinelo para trás. Eu fui pisando nas rosetas e chorando até a